

ALARCÃO, Pedro, *Conimbriga. Para além da ruína*, Porto, Edições Afrontamento/Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo-FAUP, 2020, 2 vols. 227+188 pp. ISBN: 978-972-36-1711-5.

A obra em dois volumes agora publicada por P. Alarcão é a segunda parte da tese de doutoramento em Arquitectura do autor, defendida na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto em 2009.

A primeira parte, uma muito significativa reflexão teórica sobre as intervenções em Mérida e Sagunto, foi editada em 2019¹. O tema é só um: a intervenção moderna sobre o património arqueológico, mas a aparente simplicidade dessa definição temática esconde um abismo de problemas e a raridade da bibliografia comparável (cf. vol. 1, 203-209) é o melhor testemunho das dificuldades que, académica e corporativamente, o tema encontra.

O objeto arqueológico não existe, nem na natureza (onde se pode esperar encontrá-lo como sedimento), nem na paisagem (como marca), de forma autónoma: é a intervenção humana que o transforma - é o momento da *euriske*, a descoberta.

Essa identificação “arqueológica” segue frequentemente a tradição da *Antikedenkmalforschung* na esteira de J. Winkelmann e, nesse sentido, o “restauro da ruína” tradicional, em nada se distingue das intervenções tradicionais que restauram as pré-existências arquitetónicas.

Mas o caso de Conimbriga é outro, pois é de uma Ruína exclusivamente arqueológica que se trata. Os muros a que P. Alarcão se dedicou não “existiam” antes do 3º quartel do séc. XX, quando as escavações luso-francesas os expuseram, na sua completa destituição de um alçado monumental, conservado ou reconstituível por anastilose. A Ruína tem, neste mundo, a mesma idade do Arquiteto.

Nestas condições, a intervenção arquitetural tem um carácter dual: reconstruir o contexto histórico e configurar uma leitura cientificamente informada. A intervenção, projetada pelo autor em colaboração com J. C.

¹ Alarcão 2019.

Cruz a partir de 1995 e implementada no sítio entre 2000 e 2006 perseguiu este objetivo. E o livro desdobra a análise dessa intervenção no mesmo sentido, reconstruindo os contextos históricos (da Ruína e das intervenções anteriores, designadamente no Museu Monográfico) e propondo novas leituras.

Uma parte substancial do vol. 1 é ocupada (p. 61-160) com uma resenha histórica das escavações de Conimbriga, ocupando-se dos aspetos topográficos, metodológicos e também económicos destas escavações (e dos restauros a elas associados). Este esforço ingente de documentação e interpretação, com o volume VII das *Fouilles de Conimbriga*, vem constituir a ossatura básica de qualquer história de Conimbriga, enquanto sítio arqueológico e local aberto ao público.

A este capítulo soma-se um outro, dedicado ao edifício do Museu Monográfico (pp. 161-190) que trata, de maneira muito bem informada, assuntos cujo conhecimento se tem mantido no domínio da experiência pessoal de alguns dos envolvidos.

Todavia, uma das partes da obra que é incontestavelmente de maior interesse, até pelas novidades que apresenta, é a dedicada ao estudo arquitetónico, apresentado graficamente com muita qualidade (apenas ligeiramente desvalorizada pelo formato dos volumes que não dá grande fôlego às ilustrações), da evolução dos monumentos que se sucederam em Conimbriga².

São especialmente relevantes, o tratamento dado à configuração da Conimbriga pré-romana (vol. 1, 20-24; vol. 2, 24, des. 16), à reconstrução conjectural da fase augustana do fórum (vol. 1, 28; vol. 2, 36-37, des. 31-32) e dois aspetos da evolução dos nós viários de Conimbriga: a praça a nordeste do fórum (vol. 1, 53-55; vol. 2, 93, des. 112) e o *trivium* frente à Casa de Cantaber (vol. 1, 53-55; vol. 2, 95, des. 114).

Um tal exercício, está sujeito a rápidas desatualizações, mas são pormenores ligados à zona sul do anfiteatro (vol. 1, 37; vol. 2, 57, des. 60) ou à arquitetura da insula do aqueduto (vol. 1, 28; vol. 2, 48, des. 46). E também não se pode esperar que todas as propostas sejam completamente consensuais. Neste ponto encontramos, pessoalmente, duas divergências e uma discordância.

As divergências prendem-se com o edifício das Lojas a sul da via (vol. 1, 32; vol. 2, 53-55, des. 112), que parece simplificar demasiado

² Tema que foi tratado originalmente em Correia e Alarcão 2008: 31-46, mas que ganha aqui um desenvolvimento qualitativamente diferente, e superior.

uma construção bastante mais complexa³, e o problema da existência de um traçado hipodâmico na área central da cidade (vol. 1, 53, vol. 2, 91, des. 110) que, a ter existido (o que não é completamente certo) necessita de mais discussão⁴.

A discordância prende-se com a localização proposta para um teatro na cidade (vol. 1, 37-38; vol. 2, 60-61, des. 64-65⁵). Convindo na mais que provável existência de tal edifício em Conimbriga, e pela sua genérica localização no vale norte⁶, a topografia torna a proposta pouco crível, dadas as cotas abrangidas. Também não é claro como seria possível, a nível de desenho urbano, a colocação do teatro entre a saída do anfiteatro do lado oeste e a porta da cidade no fundo do vale. Por tais razões eram, tantas vezes, os anfiteatros construídos extra muros. A localização idónea para o teatro é (tal como em Mérida. Fig. 1), entre o anfiteatro e o centro da cidade (ou seja, mais a este no vale norte, a montante das entradas do anfiteatro). Dois elementos corroboram esta conjectura: alguns vestígios, infelizmente nunca documentados, na referida encosta nordeste; e a tipologia do edifício anexo ao viaduto, que tem paralelos na *versura* do teatro de Mérida⁷.

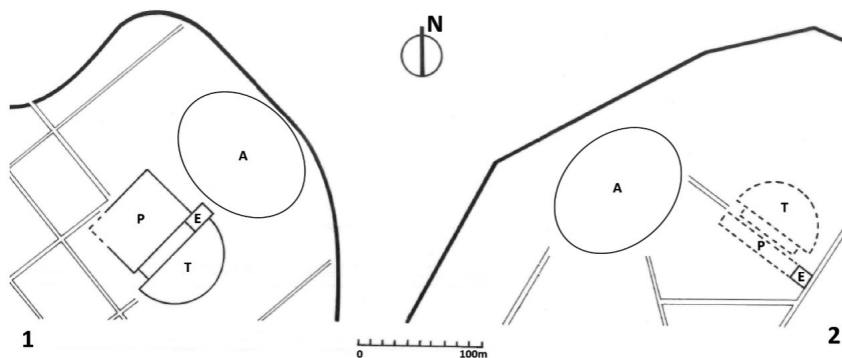


Figura 1 – Representação esquemática dos quarteirões com edifícios de espetáculos em cidades da Lusitânia: 1 - Mérida; 2 - Conimbriga. A: anfiteatro; T: teatro; P: poscénio; E: edifício anexo.

³ Cf. Alarcão 2010: 21-27.

⁴ Correia 2013: 54-56.

⁵ Onde se retoma a proposta de Alarcão 2011: 133-146.

⁶ Justificando, aliás, o traçado da muralha nessa zona, como forma de incorporar no espaço urbano uma zona de declives apta a receber, sem esforços ingentes de construção, um verdadeiro “quarteirão lúdico”. Cf. Correia 1994: 328-329.

⁷ Correia 1994: 329 (a interpretação como *choragium* deve ser abandonada); cf. Durán 1998: 35-49.

Mas estes são pormenores de um panorama mais vasto, de uma riquíssima reconstituição do contexto histórico do *facto* urbano em Conimbriga. O avanço da investigação virá julgar a adequação das hipóteses.

E é de esperar que no outro voleté do díptico - o da oferta de um contexto do presente e destinado ao futuro - para a interpretação e a fruição do património de Conimbriga, também haja avanços.

Para tal, o citado projeto de intervenção, que de alguma forma enquadra todo o exercício (e a própria obra, onde é descrito: vol. 1, 153-159; vol. 2, 146-150, des. 162-168⁸), constitui um elemento de charneira em Conimbriga devido a três elementos essenciais: a adequação entre a intervenção moderna e o mínimo da reconstrução conjectural que dá ao visitante uma leitura volumétrica do monumento antigo; a utilização de materiais modernos como forma de garantir a autenticidade da Ruína, graças à manifesta contemporaneidade dos restauros; a sustentabilidade das intervenções, graças aos procedimentos técnicos que lhes conferem reversibilidade.

Nesse segundo voleté do díptico, a discussão não será já para julgar a adequação das hipóteses de reconstituição do contexto histórico, mas para escolher as melhores formas⁹ de devolver à sociedade o que de melhor se pode aproveitar, culturalmente, educacionalmente, economicamente também, desse património.

Incontestável é, porém, o extraordinário valor da obra de P. Alarcão para esse desiderato.

Referências

- Alarcão, J. (2010), *As casas da zona B de Conimbriga*. Coimbra: CEAUCP.
- Alarcão, P. (2006), “Conservação e valorização em Conimbriga: Projectos e obras”, *Monumentos* 25: 208 - 213. <https://hdl.handle.net/10216/65030>
- Alarcão, P. (2007), “Conservación y valorización de las ruínas de Conimbriga”, *Restauración & Rehabilitación: Revista Internacional del Patrimonio Histórico* 105: 38 - 45. <https://hdl.handle.net/10216/64967>
- Alarcão, P. (2011), “Entre a razão e a intuição: contribuições para a identificação do teatro romano de Conimbriga”, in L. T. Dias & P. Alarcão (coords.), *Interpretar a Ruína. Contribuições entre campos disciplinares*. Porto: Pub. FAUP, 133-146. <https://hdl.handle.net/10216/64990>

⁸ Sobre o projeto deve ver-se também Alarcão 2006, 2007.

⁹ Veja-se, por exemplo, Providência 2016.

- Alarcão, P. (2019), *Construir na Ruína, Entre a Reconstituição e a Reabilitação*. Porto: Edições Afrontamento/CEAU-FAUP. <https://hdl.handle.net/10216/67794>
- Correia, V. H. (1994), “O anfiteatro de Conimbriga. Notícia preliminar”, in *El anfiteatro en la Hispania romana*. Mérida: Junta de Extremadura, 327-345.
- Correia, V. H. (2013), *A arquitectura doméstica de Conimbriga e as estruturas económicas e sociais da cidade romana*. Coimbra: IAFLUC. <http://hdl.handle.net/10400.26/19545>
- Correia, V. H., & Alarcão, P. (2008), ”Conimbriga: um ensaio de topografia histórica”, *Conimbriga* 47: 31-46. http://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_47_2
- Durán Cabello, R.-M. (1998), *La última etapa del teatro romano de Mérida*. Mérida: MNAR (Cuadernos Emeritenses 14).
- Providência, P. (2016), *Conimbriga - Interpretação do sítio arqueológico pelo projecto*. Coimbra: Edarq.

VIRGÍLIO HIPÓLITO CORREIA

virgiliocorreia@mmconimbriga.dgpc.pt

Museu Monográfico de Conimbriga-Museu Nacional/Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos-UC

<https://orcid.org/0000-0003-4051-7111>

https://doi.org/10.14195/2183-1718_77_10